

“Desaprendendo emoções indesejáveis”: o ciúme nas relações entre não monogâmicos negros

“Unlearning unwanted emotions”: jealousy among black non monogamous people

Rhuann Fernandes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Claudia Barcellos Rezende

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

O objetivo do artigo é discutir o lugar do ciúme no discurso amoroso de pessoas não monogâmicas negras. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os fundadores do maior grupo de Facebook de não monogâmicos negros do Brasil. Ao investigar as tensões e estratégias mobilizadas por esses sujeitos, percebemos que eles classificam o ciúme como um dos maiores malefícios da “herança monogâmica”, que traz consigo a ideia de posse do outro. Assim sendo, partem do princípio de que o ciúme é construído, ou, mais precisamente, “inventado”. A análise do ciúme nesse contexto permite mostrar especificamente as negociações e as dinâmicas de interação estabelecidas em torno do arranjo não monogâmico de modo mais amplo, sendo a desnaturalização e a tentativa de “superação” de tal sentimento atitudes que legitimam o próprio arranjo afetivo-sexual em questão e a construção de uma identidade negra.

Palavras-chave: Não monogamia, Ciúmes, Emoções, Identidade negra.

Recebido em 02 de fevereiro de 2023.

Avaliador A: 20 de março de 2023.

Avaliador B: 06 de junho de 2023.

Aceito em 17 de julho de 2023.



ABSTRACT

This article aims to discuss the meaning of jealousy in non-monogamous black people's discourse about love. To this end, semi-structured interviews were conducted with the founders of the Facebook group *Afrodengo – Amores Livres*, the largest group of non-monogamous black people in Brazil. When investigating the tensions and strategies mobilized by these subjects, we noticed that they classify jealousy as one of the greatest harms of the “monogamous inheritance”, which brings with it the idea of possessing others. Therefore, they assume that jealousy is constructed, or, more precisely, “invented”. The analysis on jealousy in this context shows the negotiations and interaction dynamics established under the non-monogamous arrangement, with the denaturalization and attempt to “overcome” this feeling as attitudes that legitimize the affective-sexual arrangement in question and the construction of a black identity.

Keywords: Non monogamy, Jealousy, Emotions, Black identity.

INTRODUÇÃO

Nas conversas entre homens e mulheres negros não monogâmicos no grupo de Facebook *Afrodengo – Amores Livres*, a construção de um discurso amoroso fala menos do sentimento do amor, priorizando várias outras emoções que seriam significativas nesses vínculos afetivos¹. Inevitavelmente aparecem falas sobre o “lugar do ciúme” na relação não monogâmica. Uma indagação recorrentemente trazida por esses sujeitos é “como lidar com o ciúme?”, pergunta que, na maioria das vezes, resulta de um recente envolvimento do parceiro com terceiros. Falar sobre o ciúme implica discutir um processo complexo de transformação do eu, a gestão dos sentimentos, a não comparação e a não hierarquização de relacionamentos.

Assim, neste artigo, examinamos o lugar do ciúme no discurso amoroso de pessoas não monogâmicas negras, pensando essa emoção a partir de duas perspectivas. Primeiro, a partir da noção de “trabalho emocional” de Arlie Hochschild (2013), pensamos o ciúme como um sentimento que, no universo pesquisado, deve ser “desaprendido” como uma forma de crítica às relações monogâmicas; enquanto “ato de tentar mudar em grau ou qualidade, uma emoção ou

¹ O artigo é uma versão desenvolvida de resultados apresentados na dissertação de mestrado de autoria de Rhuann Fernandes, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS-UERJ) sob orientação de Claudia Barcellos Rezende.

um sentimento” (Hoschild, 2013, p. 184), o trabalho emocional sobre o ciúme, entendido como “fantasma da monogamia”, o toma como objeto de reflexão e superação. Segundo, discutimos o modo como as negociações feitas em torno desse sentimento e das relações afetivo-sexuais apontam para as micropolíticas existentes (Lutz; Abu-Lughod, 1990), especificamente as que envolvem as relações de raça na sociedade brasileira. Além disso, esse discurso emocional é também político, na medida em que o ciúme é uma questão fundamental do processo de “descolonizar os afetos”, eixo central de um projeto de identidade negra.

Entendemos o ciúme e o amor, como outros sentimentos, como construções culturais situacionais, o que quer dizer que as maneiras como os sujeitos se posicionam em uma relação partem de certos códigos, situando-os e posicionando-os em um contexto histórico particular (Rezende; Coelho, 2010). Como sugerem Catherine Lutz (1986) e Eva Illouz (2011), as emoções devem ser vistas como elementos de natureza contextual, volátil e transitória que apontam para formas de conduta social, e não como dimensões exclusivamente subjetivas. A proposta de estudar discursos emotivos, ademais, põe o foco da pesquisa no modo como são produzidos e expressos em contextos de interação específicos, atravessados por relações de poder (Lutz; Abu-Lughod, 1990), daí sua dimensão micropolítica.

Analisamos essas questões no material reunido a partir da análise do conteúdo do grupo de Facebook *Afrodengo – Amores Livres*, o maior grupo de não monogamia entre negros no Brasil. A análise de conteúdo das postagens foi efetuada de 1º de janeiro a 30 de junho de 2020. O grupo, voltado apenas para pessoas negras, foi criado no dia 25 de fevereiro de 2018. A escolha do grupo se deu por duas razões específicas: em primeiro lugar, pela percepção de que o *Afrodengo – Amores Livres* está inserido em um campo de disputa de narrativas engajadas nos conflitos em torno da “forma mais saudável” para uma pessoa negra se relacionar afetivo-sexualmente; em segundo lugar, pelo fato de hoje ser o maior grupo privado de Facebook – em números de integrantes (1,2 mil membros) – de não monogamia entre negros no Brasil².

Foram examinadas as interações em torno das postagens no ambiente virtual do grupo

2 Para entrar no grupo, algumas regras são colocadas pelos moderadores. Para que sejam observadas, antes de se ser inserido e aceito, o ingressante deve responder a algumas perguntas, incluindo o questionamento sobre o que é exigido: ser negro e não monogâmico. Em geral, as pessoas que não são não monogâmicas recorrem ao argumento de que estão à procura de instruções e do modo de pôr a não monogamia em prática, como relatado por uma das moderadoras do grupo. No fim, há uma contradição explícita: de um lado, o grupo não é para curiosos, e sim para as pessoas que se definem como não monogâmicas; de outro, permite-se a entrada de pessoas cuja finalidade é saber mais sobre a não monogamia – com algumas resistências – pois o grupo também se propõe a ser uma referência de aprendizado no assunto. A aproximação e a entrada de um dos autores no grupo foram realizadas no ano de 2019, pelo fato de o próprio se interessar de modo pessoal no assunto, identificando-se como um homem negro e não monogâmico. Isso facilitou a execução e a condução da pesquisa, pois já conhecia alguns fundadores, moderadores e integrantes que atuavam intensamente no grupo.

com o intuito de entender as características mais gerais da não monogamia consensual praticada por pessoas negras, os impasses desses indivíduos, a incorporação e o atrelamento de suas especificidades no modelo de relação, bem como a lógica peculiar e interna do grupo. Antes de começar a desenvolver essa investigação, conversamos com seus administradores/moderadores, pedindo a autorização para analisá-lo, com o compromisso de não divulgar informações pessoais de quaisquer integrantes nem comprometer a integridade dos usuários. Ao observar os conteúdos transmitidos no interior do grupo, foram avaliados os efeitos das informações compartilhadas e dos relatos constatados sobre não monogamia pelos usuários; também foram consideradas suas interpretações sobre amor, intimidade e relações afetivo-sexuais. Assim, na análise, apontam-se as complexidades das interações que conformam a realidade social do grupo investigado.

Para Daniel Miller *et al.* (2019), em investigações em mídias sociais, faz mais sentido considerar as postagens e o conteúdo nelas presentes em termos de gênero, semelhança e diferença, bem como suas consequências sociais e emocionais para os usuários da rede em questão, em vez de levar em conta a plataforma propriamente dita, pois “é o conteúdo postado que é significativo quando tratamos de por que as mídias sociais importam [para as ciências sociais]” (Miller *et al.*, 2019, p. 28). Nesse sentido, foram analisadas as publicações de 2020 dentro do grupo indicado, mapeando as postagens que obtiveram mais reações e interações.

Além disso, ficamos atentos ao modo como as discussões suscitadas pelos interlocutores no interior do grupo eram atravessadas pela questão racial. Sendo assim, mapeamos principalmente as postagens mais curtidas e respondidas, compreendendo-as em termos do impacto que cada uma tinha nos indivíduos e na interação em geral. Pode-se dizer que parte do *corpus* da análise são os sentidos presentes nas imagens e nos textos escritos e construídos pelos integrantes em um grupo no ambiente digital Facebook³.

Esses dados foram complementados com entrevistas semiestruturadas realizadas com os fundadores do grupo, em 2021, seis mulheres e cinco homens, todos pessoas cisgênero. Das seis mulheres, cinco se entendem como bissexuais, e uma, como pansexual. Já os homens são todos heterossexuais. Dos onze entrevistados, sete têm filhos. A média de idade dos entrevistados é de 37 anos. Todos os entrevistados residem no Brasil, no centro de grandes metrópoles. Além disso, considerando o grau de escolaridade e a ocupação profissional deles, pode-se dizer que a maioria pertence a camadas médias⁴.

3 As postagens do grupo analisadas não expressam uma homogeneidade em termos de opiniões e tendências dos usuários, portanto nossas observações e afirmações não contemplam a totalidade dos posicionamentos dos indivíduos ali presentes.

4 Apesar de o grupo ter uma ampla diversidade, os interlocutores entrevistados (fundadores e moderadores),

A decisão por realizar as entrevistas individuais com os moderadores e fundadores do grupo e/ou pessoas que estiveram presentes no início de sua criação se dá pelo interesse em entender as motivações da elaboração de um grupo como o *Afrodengo – Amores Livres* e no que, na trajetória afetivo-sexual desses indivíduos, os mobilizou a fundá-lo⁵. Além disso, buscávamos explorar com mais profundidade as experiências não monogâmicas desses agentes, com a pretensão de compreender as razões pelas quais essas pessoas negras escolhem a não monogamia, os principais desafios presentes em sua sociabilidade delas e como é tornar-se não monogâmico.

É importante dizer que o *Afrodengo – Amores Livres* foi criado após o rompimento de um grupo anterior, conhecido como *Afrodengo*, grupo de paquera virtual voltado apenas para pessoas negras fundado em 2017 que era a maior rede virtual de afetividade entre negros do Brasil e atualmente 54,3 mil membros. Segundo consta na página *Afrodengo*, trata-se de “um grupo de paquera virtual criado para pessoas negras e tem como proposta ser um espaço de interação, flerte, construção de relações saudáveis, saídas casuais com o intuito de fortalecer a afetividade negra tão abalada no período pós-abolição” (Facebook, 2018).

Ocorreu uma acirrada dissidência entre não monogâmicos e monogâmicos negros no contexto do *Afrodengo*, porém, surgida de disputas nas quais os monogâmicos argumentavam, de acordo com nossos interlocutores, que a “não monogamia não era para pessoas pretas, era coisa de branco”. O *Afrodengo – Amores Livres* surgiu, então, da necessidade de romper com essa premissa e propor a discussão da não monogamia entre pessoas negras, levando em consideração também as dinâmicas dos atravessamentos de gênero e sexualidade. A motivação para a criação do grupo não foram apenas os desentendimentos com os monogâmicos negros no *Afrodengo*, que levam em conta suas experiências negativas em grupos de não monogamia mistos, onde visualizavam dinâmicas e atitudes explicitamente racistas praticadas por não

correspondem ao perfil da maioria das pessoas que participam do grupo. O perfil dos participantes do *Afrodengo – Amores Livres* é prevalentemente universitário e de camadas médias urbanas. A bissexualidade feminina, contrastando-se com a heterossexualidade masculina, é também uma tendência. Os locais onde os entrevistados vivem atualmente estão distribuídos de forma proporcional nos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e da Bahia. Quanto à escolaridade, nove dos interlocutores têm pós-graduação, um tem formação técnica, e um, formação básica (ensino médio). Já no que diz respeito à ocupação profissional, é possível observar uma diversidade de profissões: há duas pessoas professoras (maior frequência absoluta); cozinheiro; designer gráfico; gestor de projetos; jornalista; massoterapeuta; pesquisador; químico; enfermeiro e gestor do trabalho.

5 Esse foi o critério central para escolha dos entrevistados. As entrevistas duraram em média duas horas e foram realizadas em um único encontro. Antes de realizá-las, foram explicados aos interlocutores o propósito da investigação e seus objetivos. Devido à pandemia de covid-19, as entrevistas foram feitas por meio do Zoom Meeting, ferramenta de videoconferência que permite fazer reuniões e eventos *on-line*. Todas as entrevistas foram cuidadosamente transcritas. Por fim, a análise, a interpretação e as nossas inferências em torno das falas dos entrevistados são de nossa completa responsabilidade.

monogâmicos brancos.

Na primeira parte do texto, discutimos o modo como o desenvolvimento do amor erótico-sexual nas sociedades ocidentais modernas – cuja base é a exclusividade afetiva e sexual – surge articulado ao ciúme, como uma gramática emotiva. Em seguida, apresentamos a maneira como os interlocutores entendem a não monogamia, associando-a a uma identidade negra. Na terceira seção, examinamos as tensões, negociações e estratégias mobilizadas pelos interlocutores para lidar com o ciúme nas relações não monogâmicas.

OS PILARES DO “EU ROMÂNTICO”: MONOGAMIA, AMOR E CIÚME

Para Anthony Giddens (1993), o casamento legal monogâmico no Ocidente assumiu legitimidade a partir dos processos de industrialização que afetaram inteiramente as dinâmicas sociais e contribuíram, com a lógica de família burguesa, para a cimentação do capitalismo industrial emergente. A partir do final do século XVIII, de acordo com o autor, constata-se a emergência do amor erótico-sexual, ao qual se incorporaram pela primeira vez o “amor” e a “liberdade”, ambos julgados como estados normativamente ambicionáveis.

Giddens (1993) afirma que só então ocorreu a vinculação entre amor, sexo e conjugalidade, quando o casamento deixou de ser um problema patrimonial e passou a ser entendido como um provável corolário do amor erótico ou sexual em uma versão romântica. Nessa ótica, passa-se a valorizar a lógica de fidelidade, entendida como exclusividade afetiva e sexual entre homens e mulheres, cuja premissa básica é a atração sexual e o amor/desejo mútuo entre os enamorados. Nesse formato de relação, os parceiros são escolhidos por meio de anseios individuais e procura-se concretizar a relação em um arranjo monogâmico. Desse modo, concebem-se a monogamia e o amor como sinônimos.

Conforme propõe Denis de Rougemont (1988), o casamento passou a ser visto como uma possível consequência do amor erótico-sexual em sua versão romantizada, na qual teríamos um percurso clássico e padronizado: depois de se apaixonar, namora-se, noiva-se e, por fim, estabelece-se o pacto monogâmico central, o casamento. Essa instituição pressupõe a obrigatoriedade de fidelidade e de eternidade que produz a noção normativa de exclusividade afetivo-sexual. Isto é, só é possível amar uma pessoa de cada vez. Esses seriam os princípios do amor para os euroamericanos, disseminado para outras regiões do globo com os processos de

dominação de povos não europeus, como argumenta Jacqueline Sarsby (1983).

O principal lema desse modelo monogâmico tradicional, patriarcal e heteronormativo presente nas sociações ocidentais é – como verificado em muitas novelas e filmes – encontrar “o verdadeiro amor da vida”, único, de preferência, e manter a relação apenas com ele, quiçá eterna. Nessa ótica, como argumenta André Lázaro (1996), o “mito do amor romântico” no ocidente se sustenta nos princípios de exclusividade e fidelidade, que apresentam a monogamia como o único, espontâneo e natural formato de relacionamento humano. Para concretizá-la, deve-se ser atingido por uma ligação cósmica e verdadeira.

Benzaquen Araújo e Viveiros de Castro (1977) mostram o modo como, na peça *Romeu e Julieta*, entendida como mito de origem das sociedades ocidentais modernas, o amor é um sentimento que vem do acaso; é espontâneo e traça destinos, impõe e contraria as obrigações familiares e sociais, submetendo os indivíduos a valores de outra ordem. Há aí uma ideia de amor idealizado, de mútua adoração, reciprocidade, docilidade e ternura, o que o torna uma instância transcendental. Os autores denominam esse fenômeno “desrazão amorosa”, o que levaria os indivíduos a se afastar de uma razão social tradicional e holística, presente, por exemplo, na Idade Média. Com a Modernidade, a metáfora do coração associada ao amor se coloca acima dos laços de sangue, e a escolha do parceiro exclui qualquer necessidade externa.

Esse amor romântico incorpora o casamento monogâmico, sendo nele institucionalizado, e passa a ser visto como garantia de moralidade, uma instituição na qual um homem e uma mulher decidem por consentimento mútuo – o que é novo, historicamente – fundar uma família baseada na razão do amor, não na paixão sexual. Aqui, projeta-se que quem ama não sente atração e desejo por mais ninguém. Verifica-se também uma narrativa de casal igualitário: apesar de se entenderem como indivíduos, quando enamorados, os dois assumem uma “identidade homogênea”, o que Tania Salem (1989) chama de “simbiose do casal apaixonado”, que acontece, segundo a autora, quando o casal se entende como indivíduo dual, isto é, um como parte integrante do outro. Ou seja, não existe mais Romeu sem Julieta, nem Julieta sem Romeu. Eles só são reconhecidos juntos, agora os corpos estão ligados e tornaram-se um só. Há uma tensão, contudo, entre a tendência à simbiose e a busca de preservação da identidade individual no casal igualitário, especialmente devido aos valores individualistas modernos que atravessam a construção do casamento.

Essa tensão é explorada por Maria Luiza Heilborn (2004), ao discutir as características da igualdade, da liberdade, da mudança e da singularidade individuais como elementos que confrontam a lógica inexorável do amor romântico no casamento moderno. Esse amor, entendido por seus interlocutores como um sentimento espontâneo, intenso, puro e livre, traz alguns

dilemas na intimidade, na institucionalização da vida a dois. Por exemplo, conforme a autora, o “dilema da distância” se apresenta como central: as noções de privacidade e intimidade refletem os fatores favoráveis da proximidade entre os sujeitos casados, bem como os desfavoráveis, que apontam para a “invasão” ou o “sufoco” quando afetam a liberdade e a autonomia dos parceiros, valores elementares do indivíduo moderno.

Com efeito, as relações amorosas monogâmicas são exemplificadas, no universo da comunicação de massas, através de enunciados que colocam a exclusividade como inevitável, implicando renúncias, possessividade e intensidade (Lázaro, 1996). Nessa esteira, outro sentimento vinculado ao amor é o ciúme, que é romantizado, além de entrelaçado com a ideia de desejo genuíno e a exigência da exclusividade mutuamente consentida.

Nesse sentido, como sugerem Rezende e Coelho (2010), o ciúme deve ser considerado, longe de universal, um estado emocional que faz sentido em contextos sociais específicos, articulados a formas de parentesco e aliança particulares. O desenvolvimento do ciúme, nessa perspectiva, se dá em torno de “regras de relacionamento” socialmente compartilhadas, que o tornam legítimo e esperado em relações conduzidas “[...] por expectativas prescritas de reciprocidade e exclusividade, mas que o condenam em outros modelos de relacionamento nos quais a ‘regra’ é o compartilhar do outro, a exemplo dos modelos poligâmicos” (Rezende; Coelho, 2010, p. 12).

Nessa ótica, legitimado, o ciúme pode ser considerado “prova de amor”, e sua ausência seria sinal de desinteresse amoroso. O ciúme é codificado, assim, como demonstração de afeto e cuidado, entrando nas relações como um “tempero”. Como sugere Niklas Luhmann (1991), há alguns traços comuns do ciúme no contexto ocidental que são pautados por uma ideia de envolvimento real ou imaginário do parceiro com outra pessoa fora de seu relacionamento primário. Quer dizer, um sujeito é tido pelo ciumento como valioso e importante, o centro de sua vida, numa relação na qual ele procura se inserir como dependente, em termos emocionais. Nessa lógica, o ciúme parte de um rival, incita uma reação diante da ameaça e, por fim, faz o ciumento arrumar meios para eliminar os riscos da perda de seu amor para outrem.

Desse ponto, propomos pensar o conjunto de elementos amor, monogamia, fidelidade, ciúmes, exclusividade etc. situados nas visões de mundo das sociedades ocidentais modernas. Remetem à existência de padrões culturais e a processos de aprendizagem resultantes de fatores históricos que levam em conta principalmente uma noção de pessoa inteiramente atomizada, individual e dotada de *psique* presente nesse universo (Araújo; Castro, 1977). Ainda que o amor e o ciúme possam ser encontrados em outras sociedades, não se dá a eles o mesmo lugar na constituição dos vínculos sociais, como reconhece Josefina Pimenta Lobato (2012), ao

comparar o discurso amoroso no Ocidente e em contextos não ocidentais. Por essa razão, o amor e o ciúme, em particular, devem ser compreendidos como tributários das relações sociais e do contexto cultural em que emergem.

NÃO MONOGAMIA E CIÚME

As relações não monogâmicas se inserem em uma gramática cultural específica, marcada pela “emancipação feminina” e pela emergência de uma linguagem terapêutica no contexto das relações amorosas. Tais elementos, em conjunto, caracterizam uma forma bastante particular de crítica à ética amorosa romântica e monogâmica, bem como a seus principais valores, como o ciúme. Exemplos privilegiados do relacionamento puro e do amor confluyente (Giddens, 1993), portanto, que estipulam uma ética de si e explicitam também a individuação em rede, seriam os não monogâmicos (Cardoso, 2010), que não se baseiam na exclusividade afetivo-sexual entre os parceiros e extrapolam a ideia do casal heterossexual.

Para Vania Silva, Geraldo Neres e Rosangela da Silva (2017), os não monogâmicos procuram o somatório de técnicas viabilizadoras não apenas do conhecer o que se é, mas também do produzir a si mesmo, em que os indivíduos valorizam, principalmente, a autonomia, a franqueza e a liberdade no relacionamento afetivo-sexual, embora com inúmeras contradições e ambiguidades em suas vivências. Como constatado por esses autores, parte dos não monogâmicos acreditam que seu formato de relação, embora não possa ser definido previamente, opera com os valores de liberdade e sinceridade, evocados constantemente para fortalecer a crença de que não deve haver cerceamento dos sentimentos nem dos parceiros, tal como amor e o desejo por outrem, que seriam, assim, mais honestos que o monogâmico.

Dardo Borna Jr. (2018) argumenta que os não monogâmicos priorizam seus vínculos afetivo-sexuais a partir de bases além das românticas. A busca romântica implacável para formar uma unidade com um parceiro seria, para os não monogâmicos, uma alienação monogâmica com vistas a promover homogeneidade na relação, perdendo de vista os traços e potencialidades de cada individualidade presente no(s) relacionamento(s) em questão. Em vista disso, para os não monogâmicos, a defesa de múltiplos relacionamentos afetivos, íntimos e sexuais é valiosa do ponto de vista moral (ou ético), e essa perspectiva confere potencial subversivo à não monogamia. Em outros termos, adotam uma filosofia básica: amar uma pessoa pelo resto da vida é algo inconcebível, por isso os indivíduos podem amar e ser amados por mais de uma pessoa

simultaneamente, primando por um caráter ético de compromisso, consenso e honestidade.

Antonio Pilão (2017) identifica que a não monogamia é uma autonomia do eu em busca de equidade com o(s) outro(s), afirmando ser esse arranjo um posicionamento moral, mais que uma prática sexual, que envolve a produção de si por meio da franqueza, oferecida e exigida dos demais. Justamente por isso, os não monogâmicos entendem que sentir ciúmes, competir por amores e torná-los exclusivos representam os principais perigos para ele; diante deles, procuram desenvolver, mediante autocríticas e constantes diálogos, mecanismos para um cuidado maior de si e do(s) parceiro(s) envolvido(s) na relação. Ou seja, classificam a monogamia como um “fantasma presente e visível”, tratam-na como hegemônica e entendem que, por serem criados nesse formato, levam tempo para se desvencilhar de alguns comportamentos trazidos e impostos por ele.

De fato, no grupo *Afrodengo – Amores Livres*, o arranjo não monogâmico é valorizado por duas características gerais: a) por ser um modelo crítico à monogamia e a seus “valores convencionais”, como a ideia de “amar apenas uma pessoa de cada vez”; e b) por se tratar de uma orientação relacional aberta à possibilidade de estabelecer e manter vínculos amorosos e de intimidade com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Tal arranjo é entendido como proveitoso e benéfico, contanto que haja consentimento informado entre as partes. Isto é, as pessoas envolvidas na relação, partindo dos pressupostos de “honestidade” e “sinceridade”, devem saber que estão se engajando nesse tipo de relacionamento não exclusivo do ponto de vista afetivo e sexual.

Por outro lado, a não monogamia se apresenta como alternativa à construção de um “novo eu”, mesmo que seja um movimento criado no Ocidente, que serviria para desmobilizar e dissuadir as suas bases, como a ideia de família burguesa. Um dos resultados que percebemos, então, é que essa tensão revela a dimensão relacional da noção de identidade, afastando premissas exclusivamente subjetivistas e/ou objetivistas do conceito.

Ao investigarmos as tensões e estratégias mobilizadas pelos participantes do grupo para desenvolverem uma ética amorosa não monogâmica, notamos que os não monogâmicos classificam o ciúme como um dos maiores malefícios da “herança monogâmica”, que traz consigo a ideia de posse do outro. Assim sendo, partem do princípio de que o ciúme é construído, ou, mais precisamente, “inventado”. Muitos comentam a importância de “desaprender” esse sentimento para se afastarem dos “fantasmas da monogamia”, sendo tal atitude interpretada como o principal desafio na prática não monogâmica, revelando também o quanto os sujeitos estão preparados para assumir esse modelo de relação.

Nesse sentido, ocorrem dois processos entrelaçados: a) desaprender a monogamia, isto

é, na transição para não monogamia iniciar o desmanche dos valores aprendidos na trajetória afetivo-sexual, como a crença de que o amor só é verdadeiro quando é exclusivo; e b) desaprender para aprender outras condutas amorosas-éticas, que implicam transformação e reconstrução de si – entendido como algo permanente, já que as vivências são atravessadas diariamente pelo “sistema monogâmico” – e a busca por autoconhecimento e por mecanismos para lidar com os próprios dilemas em torno do apego, da culpa, dos ciúmes, de inseguranças e medos.

Em relação a esses primeiros processos, muitos interlocutores comentam a importância da terapia no curso de desaprender os valores monogâmicos, ou ao menos utilizam demasiadamente uma linguagem terapêutica para tal. O postulado de estudar as emoções, esmiuçá-las, para compreender-se é evidente em seus discursos, dado que acreditam que os sentimentos são socialmente construídos, e não algo inato, inevitável ou impossível de superar. Nesse sentido, o ciúme e a possessividade, por exemplo, podem ser trabalhados e revistos desde que os sujeitos tenham vontade/coragem para confrontá-los, mas reconhecendo as dificuldades que esse percurso vai exigir, sobretudo em termos de entender os próprios limites pessoais. Fala-se sobre como a não monogamia é um caminho de autodescoberta, o que levaria o não monogâmico a ter, de modo intenso e ininterrupto, contato particular com os próprios sentimentos. Para os não monogâmicos negros, viver as emoções em plena liberdade, sem ancorar-se em um modelo pronto e rígido de relação afetivo-sexual, os potencializa a sair do lugar e romper com significados preestabelecidos de expressão de seus próprios afetos.

O ciúme é o exemplo mais citado por eles para exemplificar o desaprender e é, ao mesmo tempo, tido como o principal desafio na prática não monogâmica. Para eles, os indivíduos já devem entrar na relação não monogâmica sabendo que têm que repensar o lugar do ciúme. Esse sentimento é apontado como algo a ser trabalhado na terapia ou em diálogo constante com o(s) par(es) amoroso(s). Esses interlocutores fazem questão de dizer que sentem, sim, ciúmes, quebrando um mito a seu respeito de que seriam mais tranquilos e resolvidos em relação a esse sentimento.

Adoraríamos que isso fosse verdade, mas a real é que fomos todos socializados nessa cultura de escassez do amor, de exclusividade, controle e propriedade sobre o outro. É um processo bem desafiador, e não sabemos se haverá um momento em que estaremos imunes aos ciúmes (Irie⁶, 35 anos, mulher cis, bissexual, 2020).

Na realidade, o sentimento não é negado, mas “trabalhado”. Esses indivíduos alegavam predisposição a se defrontar com o ciúme, encarando-o como negativo e observando-o como uma

⁶ Todos os nomes mencionados são fictícios para preservar o anonimato das pessoas estudadas.

emoção que precisa ser admitida e interrogada com frequência. Para ilustrar, Akin (homem cis heterossexual de 47 anos, 2020) utilizou uma metáfora: disse que o ciúme pode ser interpretado, no contexto não monogâmico, como um “ioiô emocional”, que vai e volta, mas não desaparece, e quem consegue diminuí-lo e controlá-lo crítica e abertamente na(s) relação(ões) vive melhor.

A gente entende o ciúme como um problema, a gente entende que vai sentir ciúme, mas que a gente vai problematizar esse ciúme, então acho que essa talvez seja a grande diferença. Vou te falar... É um processo doido, nem todo mundo quer enfrentar o ciúme, quer estar lidando com essas contradições, sabe? Tá lidando com esses problemas que aparecem pra gente no dia a dia. Eu falo: “Cara, o fato de eu ser não monogâmica é porque eu gosto do conflito”. Eu tenho que me colocar permanentemente em desconstrução, em crítica, sabe? (Oluwadolupo, 32 anos, mulher cis, bissexual, 2020).

Acho que é um grande desafio quebrar essa barreira do ciúme, quebrar esse pensamento, porque é uma coisa construída ao longo da vida, e demora muito tempo, desde pequeno a pessoa pensa assim. Por isso que esse processo é contínuo. Eu sou uma pessoa não monogâmica hoje, mas eu sou uma pessoa que não sou iluminada, entender os ciúmes e superá-los é um processo contínuo. Sou uma pessoa que tenho ciúmes, tenho coisas assim, só que eu penso que o ciúme é uma coisa que diz respeito muito mais a mim do que à outra pessoa (Ayo, 28 anos, mulher cis, bissexual, 2020).

Assim, de acordo com essas pessoas, a diferença entre os não monogâmicos e os demais, em relação ao ciúme, seria se propor ao exercício de lidar com esse sentimento, notando quando ele aparece e investigando suas causas, em vez de romantizá-lo e tratá-lo como prova de amor. Para Akin, a não monogamia é libertadora por obrigá-lo a tratar do ciúme e de outras “perturbações naturalizadas”, como a noção de posse do outro e os artifícios utilizados e transformados em chantagens emocionais para que esse outro realize as vontades do parceiro, ainda que indiretamente.

Eu tinha ciúmes, eu tenho até hoje, mas eu aprendi que é uma questão minha que eu tenho que lidar. Não é o outro, é uma coisa que é problema meu, a pessoa [não] tem nada a ver com isso [risos]. Então eu percebi que eu preciso compreender onde eu estou insegura e trabalhar isso. A diferença eu acho que é justamente essa, quando você está numa relação monogâmica você tem essas inseguranças e você acaba passando pro outro, nesse sentido de querer controlar, querer saber com quem se relaciona, o que vai fazer final de semana, pra onde vai, ligar quando sair, ligar quando chegar. E eu acho que a relação monogâmica acaba demonstrando ciúme dessa forma (Irie, 2020).

Para lidar com ciúmes, eu fui conversando e lendo muito. Hoje eu entendo e falo: “Cara, tá tudo bem. Tá tudo bem eu sentir ciúme”. O importante é você identificar que está agindo como uma pessoa ciumenta e querer trabalhar isso, não culpar o seu parceiro. Acho que essa é uma grande diferença, talvez, dos relacionamentos monogâmicos, né? Onde o ciúme é um ato heroico, uma verdadeira demonstração de amor. Daí não se trabalha isso, porque há uma naturalização desse sentimento, né? (Naomi Luz, 40 anos, mulher cis, bissexual, 2020).

Percebe-se que os não monogâmicos negros do grupo *Afrodengo – Amores Livres* estão imersos em um processo de psicologização que enfatiza o indivíduo como cerne de suas preocupações. Eles se apropriam, para a explicação dos dramas individuais e suas resoluções, de um discurso terapêutico que, por sua vez, é apreendido como inteiramente subjetivo. Assim, reconhecem os sentimentos como não naturais por um lado e, por outro, acabam por exercer uma intelectualização desses elementos, a partir do argumento da necessidade de terapia para melhor trabalhar com as “emoções que não são bem-vindas”. Essa intelectualização, ou melhor, esse letramento afetivo, por seu turno, torna os sentimentos, aparentemente, passíveis de manipulação, ou seja, verdadeiros objetos a serem investigados pelo eu. Nessa perspectiva, viver uma relação amorosa não monogâmica exige desses sujeitos um artesanato, um intenso trabalho pessoal, desenvolvido mediante várias oficinas (nesse caso, são trazidos como referências o espaço da terapia e o especialista psi, que os auxilia nos dilemas experienciados).

Essas pessoas entendem que, no início do processo de reconstrução de si, é comum pensar que, se o parceiro é livre para se relacionar com quem e como quiser, chegará um momento em que ele optará por ignorar completamente seus sentimentos ao amar outro alguém, negligenciando-os. A insegurança que produz o ciúme vem desse pensamento. Não à toa, ao descreverem seus ciúmes, os membros do grupo explicaram-me que o sentimento tem a ver com a insegurança de perder o(s) parceiro(s), do medo de o(s) companheiro(s) se apaixonar(em) por outra pessoa e esquecer(em) seu vínculo e suas responsabilidades com a antiga relação amorosa. Simultaneamente, identificam que tem a ver com o ego ou uma espécie de vaidade pessoal, já que o medo é de que o(s) parceiro(s) encontre(m) pessoa(s) mais interessante(s) que eles.

Em nossa análise, percebemos que, no caso das mulheres negras, a insegurança de perder o outro, por vezes, tem a ver com histórias de preterimento afetivo, pois não tiveram, em suas trajetórias, experiências significativas como aquela proporcionada pelo parceiro atual. Daí, aparece o medo de serem trocadas e/ou abandonadas, ao ver o parceiro feliz com outra(s) pessoa(s), gerando inúmeros incômodos e comportamentos hostis. Já para os homens negros, notamos que o ciúme frequentemente vem também de uma insegurança de perder sua companheira, mas sua manifestação é marcada por uma disputa em torno do “ego inflado”. Procuram mostrar-se uns melhores que os outros, sobretudo em termos profissionais. Em outras palavras, a insegurança masculina está associada a uma perda de *status* em relação a outro homem, devido à possibilidade de ele ter um melhor emprego, uma melhor condição de vida etc. A aparição do ciúme traduz-se, então, em competitividade, manifestada em atitudes provativas.

Essa questão do *status* profissional e de sua associação ao ciúme entre os homens negros, todavia, merece uma atenção especial: os homens entrevistados todos originários de

classes populares e tiveram pouquíssimas condições financeiras e materiais, e isso ditou o ritmo de envolvimento afetivo-sexual com as mulheres em suas trajetórias amorosas. Seus relatos sugerem que os homens brancos, mesmo pobres, eram vistos como mais descolados, cheirosos, bonitos, elegantes, em suma, como referência de beleza e *status* adquirido simbolicamente pela brancura da pele. Para terem segurança e tentarem competir na conquista das mulheres ou estarem minimamente próximos dos sujeitos brancos, eles procuravam trabalhar demasiadamente – mesmo que em serviços subalternos – para ter dinheiro e comprar roupas, joias, tênis e até mesmo motocicletas. Desse modo, acreditavam-se atraentes e reconhecidos, ou melhor, “vistos”.

Ainda que estivessem munidos desses elementos, era crucial que se portassem discursivamente como “verdadeiros ganhões bons de cama” e exímios conquistadores. Sem isso, não havia autoestima e segurança para tentar desenvolver relações afetivo-sexuais, pois esses enunciados positivavam a cor de sua pele negra. Nesse caso, eles próprios identificam que a competitividade manifestada em virtude do ciúme ainda é transposta como a marca de uma ferida aberta para as relações não monogâmicas atuais. A todo tempo precisam se provar por meio de suas profissões, situações financeiras e/ou performances sexuais para ter segurança.

De maneira geral, os entrevistados apontam os problemas que o ciúme pode gerar na relação não monogâmica. Por um lado, quem o sente pode entendê-lo como algo estarrecedor, que gera vergonha, o que pode fazer com que o sujeito não se sinta preparado suficientemente para assumir e viver a não monogamia e desconfie de sua capacidade de reconstrução. Isso pode abalar profundamente sua autoestima e o deixar vulnerável ao ponto de não desenvolver segurança para dar continuidade a uma relação não monogâmica ou se envolver numa relação desse tipo de modo efetivo. Por outro lado, o indivíduo pode desenvolver comportamentos controladores para que seu parceiro não se relacione com terceiros – ou melhor, para que se relacione apenas com pessoas com as quais o indivíduo se identifique, o que é chamado de “poder de veto”. Akin comentou que esse é um fenômeno comum de quem manifesta ciúmes.

Os entrevistados deram depoimentos semelhantes, ao falar de quando começaram a ver o ciúme de outro modo. Prezaram, inicialmente, por repensar a ideia de concorrência que esse sentimento evoca. Eles afirmam que, a todo momento, colocavam-se em comparação aos afetos de seus parceiros, o que os deixavam inseguros. A perspectiva mudou quando eles “elevaram a própria autoestima, enquanto pessoas negras”, e assumiram para si mesmos que jamais dariam conta sozinhos de fazerem felizes as pessoas com as quais se relacionam. Daí, removeram um fardo das costas e entenderam que não só eles, mas também seus parceiros não podem ser completados inteiramente. Lueji (32 anos, mulher cis, pansexual, 2020) disse que é uma

questão de inverter a chave para compreender o ciúme de outro modo:

[...] o meu parceiro é tão foda quanto eu, é justamente por isso que não conseguirei dar conta disso tudo, não posso satisfazê-lo sozinha, não posso completá-lo, ele precisa de outras pessoas fudas. Aliás, precisamos. E que bom por isso, se somos fudas, temos que nos envolver com pessoas fudas, e isso não deve me deixar insegura.

Para Ayana (38 anos, mulher cis, bissexual, 2020),

Assim, como eu penso comigo de ficar com outras pessoas, pelo mesmo motivo eu não posso colocar essa responsabilidade no colo do meu companheiro, do tipo assim: “Eu te completo, eu sou maravilhosa pra você, então você vai ficar só comigo”. Não, isso não faz o menor sentido. Ele tem que procurar outras pessoas que são fudas também, que são legais, para ele ter outras visões de mundo, e eu tenho que ficar feliz por isso. Não posso podar isso da pessoa seguir, crescer e viver outras coisas. O ciúme muitas das vezes vem dessa sensação de inferioridade que temos frente aos desejos de nossos parceiros.

Olodutum (38 anos, homem cis, heterossexual, 2020) elencou inúmeras formas como abordou o ciúme em sua trajetória afetivo-sexual. De início, comentou uma ética do cuidado que pode ser desenvolvida no interior dos relacionamentos não monogâmicos. Dialogar sobre o ciúme do outro é uma forma eficaz, segundo ele, de transmitir apoio, ainda mais se esse outro for recente na não monogamia. Para ele, o posicionamento requer paciência e consideração pela pessoa que está ao seu lado, pois não se pode ser ingênuo, imaginando que o(s) parceiro(s) deixará(ão) de ter ciúmes. Ao mesmo tempo, deve-se ter cuidado para não idealizar o amor por uma pessoa e suportar demais os traumas dela.

Conforme Olodutum interpreta, com isso bem-resolvido entre os parceiros, há uma estratégia a ser adotada: fetichizar o ciúme e tirar o suposto outro do lugar de ameaça do relacionamento amoroso em questão, mas sem objetificá-lo. Para ele, isso só é possível pelo fato de que, na não monogamia, o ciúme, assim como qualquer outro sentimento naturalizado, não tem um lugar. O importante é entendê-lo como prejudicial à relação:

O ciúme apresenta o outro como ameaça. E aí, às vezes, nessa brincadeira do fetiche, você começa a perceber que o outro não é uma ameaça, mas o outro faz parte da brincadeira, faz parte do tesão. E aí, você sente tesão da pessoa tá sentindo tesão, a pessoa sente tesão por você tá sentindo tesão, e assim vai. Tem uma dança aí entre a ética do cuidado e o fetiche.

Independentemente da maneira como tentam sanar os ciúmes, todos procuram desenvolver como resposta sentir alegria ao ver seu parceiro feliz com seus afetos e/ou em projetos nos quais possam não estar incluídos. Por exemplo, Ayana acredita que, se o ciúme

surge do fato de o indivíduo simplesmente se sentir mal por seu parceiro possivelmente estar se relacionando com outro(s) ou pois o indivíduo imagina que há uma pessoa externa à relação que pode “roubar” seu(s) parceiro(s), o movimento contrário é a felicidade sentida pelo fato de o(s) companheiro(s) estar(em) se relacionando e tendo alegrias com outro(s) indivíduo(s). Um exemplo disso seria a noção de “compersão”, categoria afetiva que pode ser entendida como uma aversão reflexiva ao ciúme, seu verdadeiro oposto. Assim, não monogâmicos não se deixam “dominar” pelo ciúme e procuram visualizar o parceiro com outra(s) pessoa(s), sentindo-se bem com esse posicionamento.

Todavia, para desenvolver tal sentimento, é necessário o tão comentado autoconhecimento. Para os entrevistados, conhecer a si mesmo significa buscar caminhos para não invadir os outros com os quais se relacionam com questões e dilemas próprios e fazer propostas absurdas devido ao ciúme e à insegurança. Isso porque, entendendo a si, os limites pessoais ficam mais evidentes. O próximo passo seria, então, externalizá-los ao(s) parceiro(s), propondo tratos e definições que sejam benéficos para os envolvidos e os façam evoluir gradativamente no interior do arranjo não monogâmico.

NEGRITUDE E NÃO MONOGAMIA

Esse trabalho de autoconhecimento, que busca desaprender o ciúme e desenvolver a compersão, surge, para os não monogâmicos negros pesquisados, como uma forma de priorizar vínculos afetivos a partir de bases que não as românticas. Eles não falam do amor em si, mas de relações. Assim, há uma dupla característica nesses discursos: existe o sentimento do amor e a relação amorosa, sendo o amor um sentimento e uma relação. Quer dizer, a dinâmica da relação se refere àquilo que as pessoas falam, mais do que ao sentimento amoroso propriamente dito. Quando discutem o sentimento, propõem que o “amor”, embora político, não pode ser fechado em uma categoria, justamente para que não seja engessado e seja entendido como uma emoção aberta, com múltiplas características e desvinculada da exclusividade. Interpretam-no, portanto, como algo transitório e em permanente movimento.

Nesse mesmo sentido, a categoria não monogamia era abordada de modo flexível por eles. Trata-se de um termo guarda-chuva que abarca vários modelos consensuais de relação, como poliamor, relações livres/amor livre, relacionamento aberto, *swing*, anarquia relacional e poliginia, entre outros. É importante dizer que há vários conflitos e discordâncias quanto aos

princípios da não monogamia entre eles, de modo que o termo “não monogamia” era utilizado para propor múltiplos modelos relacionais e suas possibilidades plurais, e menos para apresentar modelos de modo particularizado.

De fato, como argumenta Pilão (2022), a categoria “não monogamia” é ampla e imprecisa, podendo englobar práticas e conceitos diversos. O seu emprego como uma identidade é, de acordo com o autor, recente e surge em decorrência da popularização das categorias relacionais acima citadas. Ser “não monogâmico”, portanto, permite às pessoas que transitem entre essas e outras formas de relacionamento, proporcionando uma sensação de maior autonomia e flexibilidade do que aquela proporcionada caso assumissem uma única modalidade relacional.

Nessa direção, observamos dois aspectos nos discursos: o afastamento e o conflito entre não monogâmicos negros e monogâmicos negros, e o entendimento por parte dos não monogâmicos de que não adianta apenas se relacionar entre negros, é necessário “descolonizar os afetos”. Para tal, propõe-se a não monogamia. Ou seja, a própria ideia de “raça” é acionada por esses sujeitos para conferir legitimidade ou deslegitimar relacionamentos amorosos, havendo um complexo entrelaçamento entre os discursos acerca do amor e da negritude.

Por exemplo, nesse grupo não basta o amar entre negros como estratégia contrária ao racismo. É necessária a “descolonização dos afetos” (categoria mobilizada pelos interlocutores), que promove uma ética amorosa capaz de problematizar e desmistificar a fantasia romântica, que reproduz articulações afetivas excludentes entre as próprias pessoas negras, para as quais é fundamental desaprender o ciúme. Notamos que uma importância significativa é atribuída ao ato de pôr em questão e discutir exaustivamente o amor romântico e as suas características, colocando-se como pessoas que procuram questionar não só as ilusões desse ideal, mas as violências simbólicas, inclusive generificadas, produzidas por ele.

Os não monogâmicos do *Afrodengo – Amores Livres* criticavam duramente a premissa, trazida no interior do *Afrodengo*, grupo com o qual romperam, de que a não monogamia não era para eles por ser “coisa de branco”. Na verdade, como argumentou Danso (38 anos, homem cis, heterossexual, 2020), ouvir esse argumento é uma forma de ser duplamente desumanizado, pois falar para uma pessoa negra que ela não pode algo por ser negra é uma tentativa de minar uma agência e destituí-la de discernimento e movimento, como se existisse uma essência que determinasse um lugar de negro e um lugar de branco infundavelmente.

Os não monogâmicos do grupo estudado, por outro lado, dizem que o que é padrão branco é a monogamia, por se tratar de uma herança colonial que opera com uma moralidade cristã de controle do corpo e da sexualidade, mesclando-se, atualmente, com o amor romântico. Para eles, os monogâmicos deixam de lado a historicidade da mononormatividade (categoria mobilizada

pelos interlocutores para se referirem ao regime familiar e afetivo-sexual monogâmico), que teria uma relação intrínseca, sobretudo na América Latina, com o colonialismo. Dessa forma, apontam para a contradição dos argumentos que os monogâmicos manifestavam no *Afrodengo*, afirmando que se apegavam a uma “concepção de amor e família falida”, que agora procura-se “pintar de preto” para dizer que está tudo bem.

Um das coisas que Bintu (32 anos, mulher cis, bissexual, 2020) percebe constantemente são monogâmicos negros, sobretudo mulheres, que dizem que nunca foram assumidas em suas relações amorosas e que lutaram muito para encontrar alguém que desse esse passo. Observa-se que, nessa lógica, o medo do abandono e da rejeição manifesta-se, de modo mais impetuoso, em pessoas racializadas e/ou que sofrem outras opressões. Por essa razão, conforme essa interlocutora, muitas delas sonham com um relacionamento “monogâmico padrãozinho”, pois isso lhes foi negado em seus percursos afetivos. Assim, parte-se de um não-lugar, ou, em termos nativos, “um lugar de escassez” para eleger tal formato de relação. Dessa maneira, a monogamia e o ideal do amor romântico, para muitas dessas pessoas, funcionariam como vias mais cômodas, pois prometem garantias de estabilidade, profundidade e construção de intimidade com o outro.

No entanto, para eles, o amor romântico produz esperanças cruéis de relações amorosas impraticáveis em uma prateleira afetiva racista, sexista e classista. Essa prateleira é marcada por um ideal estético branco, jovem e magro, em que mulheres negras ocupam os piores lugares, são objetificadas sexualmente e não são entendidas como dignas de receber amor/afeto e de serem assumidas socialmente. Quando assumidas, devido aos traumas do preterimento, sentem-se insuficientes para o parceiro e acabam em relações muitas vezes marcadas por machismo e cerceamentos, renunciando às suas vontades para manter o parceiro ao seu lado, entendendo-o como o único capaz de assumi-la e lhe dar amor.

Na análise desses sujeitos, pautados pela negritude, os monogâmicos mostravam-se entusiasmados, no contexto do *Afrodengo*, com um modelo de amor romântico vendido como amor preto ou amor afrocentrado, no qual “vale de tudo para se aprisionar um príncipe negro ou uma princesa negra, sem necessariamente considerar as terríveis expectativas que esse amor traz, como o ideal de felicidade e eternidade”, comentou Danso. Nesse sentido, os interlocutores frisavam que, embora seja válida como estratégia política contra o racismo, a ideia de amor negro nos moldes monogâmicos nada mais é do que um desdobramento penoso do amor romântico. Para eles, trata-se de um ideal eurocêntrico ilusório, que vende sonhos irrealizáveis e ocasiona danos irreparáveis a longo prazo.

Nota-se, portanto, que esses sujeitos centralizam seus argumentos em questões

sociopolíticas que lhes atravessam na transgressão que fazem do que denominam “estrutura monogâmica”. Para eles, o posicionamento político de negros se amarem é importante, mas, se for monogamicamente, continua-se a compactuar com um regime de opressão fundado no colonialismo. Assim, apesar das ações históricas do movimento negro terem sido fundamentais para propor outra forma de visualizar a intimidade e o amor entre negros no Brasil, parece que não foi suficiente, pois o amor entre negros foi a todo tempo defendido em torno da monogamia do modelo judaico-cristão, não sendo potencialmente descolonizador. Defendem que, para descolonizar os afetos e a si próprios, é fundamental suprimir a monogamia, o que exige o letramento afetivo discutido na seção anterior. Do contrário, certas opressões derivadas desse arranjo, como a legislação sobre o corpo e a expressão da afetividade do outro por meio dos ciúmes, e a naturalização dos papéis de gênero continuarão sendo reproduzidas entre os negros.

Além disso, por mais que os não monogâmicos negros procurem abordar as relações sexuais despidas de uma carga moralizante, entendendo que elas não podem ser dilemas ou tabus, ficam incomodados com a maneira como qual algumas pessoas brancas, no interior dos grupos não monogâmicos mistos, reduzem tudo ao prazer sexual, em uma postura, segundo eles, “individualista”, sem levar em consideração aspectos políticos mais amplos. Daí a necessidade de fundar um grupo (*Afrodengo – Amores Livres*) que não apenas tratasse de raça e não monogamia, mas que visualizasse esse arranjo, por um lado, como uma postura política questionadora da mononormatividade que, segundo eles, fosse pautada pelas violências da exclusividade e, por outro lado, sensível a questões políticas e coletivas das pessoas negras em geral.

Aqui se observa uma contradição, todavia: a categoria não monogamia, entre eles, é interpretada como fluida, mas ao mesmo tempo cria seus próprios marcos e enquadramentos. Por exemplo, a necessidade de enquadrar a não monogamia como algo que não é “putaria” – para legitimar esse arranjo diante dos enunciados dos monogâmicos negros – é uma forma de fugir do estigma social. Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa procuram criar suas próprias gramáticas morais e emocionais, havendo uma ideia de cuidado coletivo entre os negros que, discursivamente, condena o ciúme e supera a “putaria” e o individualismo, tão comum entre a “não monogamia embranquecida”, essa, sim, atribuída ao descrédito. Elaboram-se, portanto, enquadramentos normativos sobre o que deveria ser uma “não monogamia mais politizada”, aquela que não vise apenas ao sexo e que critique igualmente a liberdade incondicional de pessoas brancas.

Aliás, em torno do argumento de modelo embranquecido de não monogamia, que só visaria ao sexo, há, para além da disputa moral, um jogo de inversão de dominação cultural,

pelo qual pessoas negras acusam pessoas brancas de serem mais individualistas, menos coletivas e, por conseguinte, inconsequentes em relação a considerar o(s) outro(s) afeto(s) em suas ações cotidianas, devido à sua educação enquanto sujeitos brancos. A não monogamia embranquecida seria, então, irresponsável afetivamente. Por outro lado, o mesmo argumento serve para legitimar a não monogamia diante das acusações dos monogâmicos negros, tratando-a como enegrecida quando concretizadas e respeitadas as necessidades de pessoas negras, diferenciando-se, portanto, da não monogamia embranquecida. Esses jogos de inversão são marcados por inúmeras ambiguidades em que a ideia de raça é a todo tempo trazida e negociada para legitimar ou desvalorizar os arranjos afetivo-sexuais.

A contar os conflitos entre monogâmicos e não monogâmicos negros, trazidos discursivamente por esses últimos, fica mais evidente a dimensão micropolítica dos discursos sobre as relações afetivo-sexuais, em que os indivíduos negros promovem uma espécie de dissidência estratégica. Isto é, pessoas e grupos que se inserem em um campo de disputas discursivas engajadas nos conflitos em torno da forma mais saudável para uma pessoa negra se relacionar amorosamente. Dessa forma, torna-se inegável o peso político atribuído pelos interlocutores da pesquisa ao formato “mais adequado” de relacionamento. Os arranjos amorosos são colocados em jogo para tratar de aspectos mais amplos em nosso contexto, visando, principalmente, ao confronto das opressões e à disputa por um regime de moralidade.

Para os não monogâmicos negros, somente tornar-se negro, reivindicar o “amor afrocentrado” e contrariar o relacionamento interracial (palmitagem) não é o bastante para interrogar a colonialidade das emoções. Esses indivíduos entendem que a base da noção hegemônica de amor é a monogamia implantada violentamente pelos europeus. Esse arranjo limita, de maneira geral, a possibilidade de escolhas das pessoas, por conta de sua institucionalização.

Por fim, esses aspectos sugerem como a não monogamia é concebida, ainda que implicitamente, como uma identidade pelos não monogâmicos negros. Nota-se uma constante definição do sentido de si mesmo e de orientação da própria existência por meio da afirmação da não monogamia. Assim, o arranjo tem a potencialidade de revestir os sujeitos dessa pesquisa, atribuindo-lhes significados e sentidos, conferindo autenticidade à sua maneira de amar e de se relacionar com o mundo. Essa identidade não monogâmica é mobilizada e legitimada em torno da negritude e em oposição, por razões distintas, tanto à “monogamia colonizada” quanto à “não monogamia embranquecida”. Essas diferenciações desenvolvem, embora não declaradamente, os enquadramentos do que é um relacionamento mais coerente, nesse caso em especial, a não monogamia, por meio de um critério racial.

Em diálogo com a obra de Kwame Anthony Appiah (2007), entendemos que, assim como qualquer outra identidade, a não monogâmica, descrita aqui, emerge de uma gama de respostas instáveis a forças culturais maiores e em oposição a outras identidades (monogâmicos negros e não monogâmicos embranquecidos), sendo apenas mais uma dentre tantas outras disponíveis para a mobilização política de si de modo mais amplo. Diríamos que a identidade desses sujeitos é definida diante da multiplicidade de grupos aos quais estão relacionados, no caso em questão, os negros e os não monogâmicos, o que mostra que não estão ligados a um único grupo de referência.

Isso nos possibilita também entender que a identidade negra é negociada e disputada no interior de um contexto social determinado, nesse caso em específico, em um grupo de não monogamia, no qual os agentes se situam e conduzem suas preferências. Ou seja, o processo de construção de identidade é desenvolvido por intermédio da ordem das relações entre os indivíduos no grupo, bem como suas posturas e reivindicações em torno das relações amorosas. A construção da ideia de negritude e relação não monogâmica se dá a partir da desconstrução da ideia de amor ocidental, já que essa ideia aparece como algo colonial. Reivindicar a negritude no contexto desses não monogâmicos negros, então, se relaciona com entender a relação amorosa de outra forma. A não monogamia (re)constrói e afirma a negritude, acionando uma insurgência contra o ideal de amor romântico e o arranjo monogâmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que as relações afetivo-sexuais, sejam elas não monogâmicas, sejam monogâmicas, são atravessadas pelo desdobramento e iteração de um intenso processo de singularização dos atores sociais, tal como aplicado às relações interpessoais íntimas, como um dado direto do constrangimento social, econômico, político e tecnológico que vem ocorrendo no mundo contemporâneo. Esse processo de singularização traz para o interior das relações amorosas a ideia de reconstrução do eu por meio do domínio de uma linguagem terapêutica, que exige uma procura intelectual, em termos de reflexividade, para alcançar mudanças comportamentais e rever atitudes no contexto dos laços afetivos.

Não à toa, ao longo do texto, diante dos discursos de nossos interlocutores, chamamos atenção para o fato de que, ao procurarem outras formas de visualizar o amor, a sexualidade e as relações afetivo-sexuais de modo geral, concebendo novos modelos e arranjos, na tentativa

de dismantelar as bases das concepções românticas de relacionamento e diminuir seu papel, os não monogâmicos estão inclinados a procurar uma “autenticidade de si” em suas relações amorosas por meio do domínio de uma gramática psicologizante. Essa linguagem terapêutica é um traço fundamental no discurso dos interlocutores da pesquisa, pois toma espaço para orientar a conduta afetiva e promove a ideia de que os sujeitos precisam estar em busca, antes de tudo, de si próprios, identificando seus anseios e particularidades para que, posteriormente, exijam e determinem um relacionamento íntimo e benéfico em suas vidas.

O vocabulário terapêutico, com o argumento de relações sadias, é utilizado para libertação das relações íntimas da assimetria, desenvolvendo certos jargões, como por exemplo, a lógica de trocas equitativas que devem atravessar o relacionamento amoroso não monogâmico. Nesse sentido, exige-se dos sujeitos intensa reflexividade sobre seus laços afetivo-sexuais, comportamentos e sentimentos.

Isso nos mostra que a não monogamia aparece como uma experiência que tem também contradições entre o que as pessoas dizem/entendem que fazem e o que estão fazendo de fato. Por exemplo, de um lado, há um elemento de individualismo moderno evidente no caráter psicologizante da experiência, o que aparece nas práticas do cuidado de si, na linguagem terapêutica para escrutinar e lidar com as emoções como algo individual, na busca por relações “saudáveis”, por se autoconhecer, ter autoestima etc. De outro lado, os interlocutores do *Afrodengo – Amores Livres* estão argumentando que a não monogamia rompe com o modelo ocidental moderno do amor romântico monogâmico, pois produz relações múltiplas e diversas em que há cuidado, afeto, respeito etc., sem as coerções, regulações, restrições, assimetrias e desigualdades da monogamia.

O problema é que o amor, a monogamia, a família moderna – todos estão relacionados à emergência do individualismo e do indivíduo como valor, algo que aparece entre os nossos interlocutores quando falam sobre as práticas de “cuidado de si”, da valorização da liberdade, da gestão de emoções etc. Ou seja, temos arranjos que são ao mesmo tempo construídos por valores individualistas modernos, mas se contrapõem a esses valores, ao dar relevo e importância a múltiplas relações e pessoas.

Nesse processo, o ciúme em especial é interrogado, trabalhado e entendido como algo que precisa de atenção, sendo tensionado a todo instante para que as pessoas envolvidas na relação consigam “lidar melhor” com ele. Nota-se que os sujeitos procuram uma variedade de técnicas para capacitar o eu a ganhar e exercer uma conscientização, um projeto para alavancar e sanar suas necessidades sentimentais, a serem apreciadas, geridas, selecionadas e, por fim, fiscalizadas, para que se tornem melhores.

Artifícios para o controle de ciúmes, por exemplo, são desenvolvidos, baseados em sua compreensão como uma construção social nociva, um dos maiores malefícios da “herança monogâmica”. Além disso, procuram erradicar competições e hierarquias, tidas como características essenciais da monogamia e responsáveis pelas principais mazelas nos relacionamentos afetivo-sexuais. Nesse sentido, o modo como entendem o sentimento do ciúme mostra sua articulação com as dinâmicas de gênero, na qual homens devem competir pela proeza sexual e mulheres se veem preteridas por outras, bem como de raça, na qual a percepção de inferioridade diante de pessoas brancas afetaria sua autoestima. Ao articular a vivência do ciúme ao modo como as dinâmicas de gênero e raça atravessam as relações amorosas, o discurso dos nossos interlocutores adquire uma dimensão micropolítica, como propõem Abu-Lughod e Lutz (1990), realçando desigualdades e relações de poder. Essa dimensão é ainda mais reforçada, pois desaprender o ciúme se torna parte relevante de um projeto político de “descolonizar os afetos”, base de não monogamia como projeto identitário negro.

Ao mesmo tempo podemos entender esses esforços de “desaprender” o ciúme como um trabalho emocional proposto por Hoschild (2013), por meio do qual as pessoas buscam ajustar o que sentem em certos contextos de interação. Não se trata apenas de não expressar ciúme, mas de tentar mudar o sentimento, articulado a um projeto moral e político de construção de uma identidade negra. No universo pesquisado, esse sentimento interfere na vivência das relações afetivo-sexuais não monogâmicas, entendidas como um modelo que “descoloniza afetos” e afirma a negritude.

Assim, a adesão e a vivência de relações afetivo-sexuais não monogâmicas, segundo os interlocutores da pesquisa, se embasam na recusa da monogamia como parte do regime colonial europeu branco. A monogamia estaria atrelada a visões individualistas das relações amorosas que se contrapõem a valores coletivos e aspectos políticos mais amplos associados a um projeto particular de identidade negra. É por isso que há a crítica de que pessoas negras em relações monogâmicas ainda estariam presas a formas colonizadas e opressoras de vivências afetivas.

Assim, em busca de um projeto de identidade negra, o grupo estudado propõe “descolonizar os afetos” na experiência da não monogamia. Os interlocutores pensam em que medida as emoções são construídas, ou, mais precisamente, “inventadas” dentro de um contexto social determinado. Como a monogamia é considerada hegemônica, essas pessoas entendem que, por serem criadas nesse formato, levam tempo para se desvencilhar de alguns comportamentos. Por meio de uma linguagem terapêutica, o grupo pesquisado procura promover circunstâncias especiais para suas vivências amorosas, que se tornam elementos centrais de seus projetos políticos de identidade.

REFERÊNCIAS

1. APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2007.
2. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Romeu e Julieta e a origem do Estado. *In: VELHO, Gilberto (org.). Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 130-169.
3. BORNIA JR., Dardo Lorenzo. **Amar é verbo, não pronome possessivo: etnografia das relações não-monogâmicas no sul do Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193166>. Acesso em: 20 jan. 2023.
4. CARDOSO, Daniel. **Amando vári@s: individualização, redes, ética e poliamor**. 2010. Tese (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/5704>. Acesso 20 jan. 2023.
5. FACEBOOK. **Descrição do grupo**. [S. l.], [s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/afrodengo/>. Acesso em: 29 set. 2020.
6. GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: UNESP, 1993.
7. HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
8. HOSCHILD, Arlie. Trabalho emocional, regras de sentimento e estrutura social. *In: COELHO, Maria Claudia (org.). Estudos sobre interação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 169-210.
9. ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
10. LÁZARO, André. **Amor: do mito ao mercado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
11. LOBATO, Josefina Pimenta. **Antropologia do amor: do Oriente ao Ocidente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
12. LUHMANN, Niklas. **O amor como paixão: para a codificação da intimidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
13. LUTZ, Catherine. Emotion, thought, and estrangement: emotion as a cultural category. **Cultural anthropology**, Arlington, v. 1, n. 3, p. 287-309, aug. 1986.
14. LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila. Introduction. *In: LUTZ, Catherine A.; ABU-*

- LUGHOD, Lila (ed.). **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.
15. MILLER, Daniel *et al.* **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019.
16. PILÃO, Antonio Cerdeira. **“Por que somente um amor?”**: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Antropologia Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/862954.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.
17. PILÃO, Antonio Cerdeira. Ativismos não-monogâmicos no Brasil contemporâneo: a controvérsia poliamor-relações livres. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 1-24, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/QmP3dyFhnkVRJJx7XMGLbmJ/>. Acesso em: 20 jan. 2023.
18. REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia Pereira. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2010.
19. ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
20. SALEM, Tania. O casal igualitário: princípios e impasses. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 24-37, fev. 1989.
21. SARSBY, Jacqueline. **Romantic love and society**. London: Penguin Books, 1983.
22. SILVA, Vania Sandeleia Vaz da; NERES, Geraldo Magella; SILVA, Rosangela da. Michel Foucault e o Poliamor: cuidado de si, parresía e estética da existência. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 24, n. 48, p. 87-108, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18968>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Rhuann Fernandes

Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5012-5352>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação. E-mail: rhuannfernandes.uerj@gmail.com

Claudia Barcellos Rezende

Professora Titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutorado em Antropologia pela London School of Economics. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0297-1540>. Colaboração: Redação e Revisão. E-mail: cbrezende65@gmail.com